

Spokane, Washington  
28 de outubro de 1980 — Terça-feira — 1:59 da manhã

# CAPÍTULO 1

VAI CHEGAR O DIA em que você vai conhecer mais pessoas mortas do que vivas.

O pensamento apresenta-se a Vince Camden quando ele se senta na cama, frenético, esquadrihando o quarto escuro à procura de provas de sua existência e encontrando apenas obstáculos: o criado-mudo, a cômoda, o cinzeiro, o despertador. Vince respira fundo. Sua no ar gelado. Coça os olhos para se livrar desses devaneios, como se fossem poeira. Não exatamente um sonho, mais um pânico no meio do sono — estilhaços de vidro finos como papel, espalhados e turbilhonando, cortando ao serem soprados.

Vince Camden dá um tapinha no próprio queixo, inclina-se e desliga o despertador digital no exato momento em que o um, o cinco e o nove começam a desaparecer. Todas as madrugadas, à 1:59, ele se senta desse jeito e desliga o despertador no milésimo de segundo antes das 2:00 e do toque da estridente campainha do alarme. Pensa: Como é possível uma coisa dessas? Mas também... se você consegue uma proeza como essa — acordar todas as madrugadas poucos segundos *antes* do despertador tocar — por que não seria capaz de contar todas as pessoas mortas que conhece?

Começar pelos avós. Dos dois lados. Um avô tinha uma segunda mulher. Então, são cinco. Vince passa a escova de dentes pelos molares. A mãe e o pai. Sete. Uma irmã natimorta conta? Não. Uma pessoa tem de ter estado

viva para morrer. Quando termina de tomar sua ducha, seca os cabelos com o secador e se veste — calça cinza larga, camisa social preta de manga comprida, dois botões abertos no peito. Ele já percorreu a família, os vizinhos e os antigos sócios: já são 34 pessoas que ele sabe estarem mortas. Pergunta-se se isso é muito, se é normal conhecer tantas pessoas mortas.

Normal. Essa palavra o persegue a uma distância segura na maior parte dos dias. Abre uma gaveta, tira uma pilha de cartões de crédito falsificados e olha para os nomes impressos neles: Thomas A. Spaulding. Lane Bailey. Margaret Gold. Imagina a adorável vida *normal* de Margaret Gold, uma manta oriental de crochê jogada sobre o sofá dela. Quantas pessoas mortas Margaret Gold poderia conhecer?

Vince separa dez cartões de crédito — incluindo o de Margaret Gold — e os coloca no bolso da jaqueta. O outro bolso, ele enche com saquinhos plásticos de maconha. São 2:16 da madrugada quando Vince enfia o relógio no pulso, tomando cuidado para não puxar os pelinhos do braço. Ah, sim, Davie Lincoln — o garoto retardado que costumava levar o dinheiro na boca enquanto corria pelo bairro levando recados para Coletti. Morreu asfixiado com moedas de meio dólar. Trinta e cinco.

Vince vai até o minúsculo vestíbulo de sua minúscula casinha, se é que se pode chamar de vestíbulo um espaço onde só cabem um cabideiro e uma caixa de correio. Fecha o zíper da jaqueta e puxa as mangas como se fosse um crupiê de Las Vegas saindo da mesa. Sai para o mundo.

Sobre Vince Camden: tem 36 anos e é branco. Solteiro. Oitenta quilos, 1 metro e 80, ombros largos e cintura fina, como uma taça de martíni. Castanhos e azuis: é como o relatório da polícia descreve seus cabelos e olhos. A boca encrespa no canto direito, as sobrancelhas espessas crescem desordenadamente, e isso faz com que seu rosto apresente um perpétuo sorriso afetado, a tal ponto que todas as mulheres que alguma vez se envolveram com ele acabem sempre, as mãos nos quadris, a cabeça empinada, por suplicar: *Por favor. Fale sério.*

Vince tem um emprego de gerente de nível médio na indústria alimentícia: departamento de confeitaria — donuts. De modo geral, é preciso menos coisas do que as pessoas costumam pensar para fazer esses bolinhos. Mas Vince gosta do que faz, gosta de chegar ao trabalho às 4:30 da madrugada e sair antes da hora do almoço. Sente como se estivesse levando vantagem, saindo do emprego para almoçar e não tendo de voltar. Está percebendo

que essa é uma característica constante de sua personalidade, esse desejo de levar vantagem em tudo. Talvez tenha um gene gazeteiro.

Na rua, ele levanta a gola da jaqueta, cobrindo as bochechas. Manhã fria esta: final de outubro. Na verdade, enregelante — o vapor que sai de sua boca faz com que se lembre de uma experiência com gelo seco no colégio, o que traz à sua mente a figura do Sr. Harlow, seu professor na quinta série. Quando descobriu-se que ele gostava muito de seus alunos homens, o Sr. Harlow se enforcou. Trinta e seis.

Nos degraus da frente de sua casa, às 2:20 da manhã, o mundo é sereno: as luzes das varandas das casas mergulhadas no sono são mortíferas; calçadas dividem os gramados enegrecidos pelo orvalho. Mas a noite exerce um efeito sinistro na imaginação de Vince. Sentindo um calafrio, ele estremece com a sensação de que — mesmo que ele saiba ser impossível — aquela pode ser a sua noite.

— E daí? Você quer que eu faça isso ou não?

Os dois homens se entreolham no Cadillac Seville cor de vinho. O motorista pergunta:

— Quanto custa uma coisa dessas?

O homem mais forte, sentado no banco do passageiro, está impaciente, irrequieto, mas pára para pensar. A pergunta procede. Afinal de contas, estamos em 1980, e o mercado de serviços também está atolado na economia estagnada. Será que os setores da criminalidade estão sujeitos às mesmas forças negativas do mercado: inflação, deflação, estagflação? Recessão? Será que os assassinos estão sofrendo com a taxa de desemprego de dois dígitos? Criminosos também ficam com a corda no pescoço?

— É de graça — diz o passageiro.

— De graça? — repete o motorista, girando o corpo no banco de couro.

— Isso mesmo. — E, depois de uma pausa: — Quer dizer que não custa nada.

— Eu sei o que quer dizer. Só estou espantado. Só isso. Você está me dizendo que vai resolver meu problema com esse cara de graça?

— Estou dizendo que a gente vai chegar num acordo.

— Mas não vai me custar nada?

— A gente chega num acordo.

E dá para ter uma idéia sobre o motorista do Cadillac: além de não saber o que significa a palavra “grátis”, ele também não sabe que não existe nada de graça.

Oitenta e sete bares na Grande Spokane, servindo 300 mil pessoas. Uma frota de táxis: oito carros. Então, numa terça-feira de manhã, logo depois das duas da madrugada, última chamada, a situação econômica é clara: mais bêbados do que o mercado pode atender. Eles se arrastam pelas calçadas, cambaleiam bocejando em direção a seus carros — pelo menos aqueles que têm carros e conseguem se lembrar de onde os estacionaram. Os outros caminham do centro até os bairros, espalhando-se em todas as direções, cruzando pontes, passando sob viadutos, túneis, subindo morros até as escuras ruas residenciais, figuras solitárias encimadas por pensamentos que formam bolhas de vapor quente e fumaça de cigarro. Mentiras ensaiadas.

Vince Camden se concentra em seus próprios pensamentos enquanto caminha, sóbrio e descansado, no meio dos bêbados e cansados. Edifícios de sólidos tijolos do centro da cidade são substituídos por construções baixas de aluguel barato — lojinhas de material esportivo, liquidações de camas de água, livrarias de revistas de sacanagem, lojas de penhores e casas de massagem — e então por um bairro cheio de galpões vazios, linhas férreas, campos abandonados e uma solitária casa de dois andares em estilo vitoriano, um boteco chamado Fossa do Sam que serve costeletas e onde a jogatina rola a noite inteira. É ali que Vince costuma aparecer quase toda noite antes de começar seu turno na confeitaria.

Vince estava na cidade há apenas alguns meses quando Sam morreu. Trinta e sete. O novo dono chama-se Eddie, mas todos o chamam de Sam — era mais fácil mudar o nome de alguém para Sam do que mudar a placa da Pepsi-Cola na fachada da velha casa, trocando Sam por Eddie. Exatamente como o velho Sam fazia, o novo Sam abre o boteco quando o resto da cidade fecha, depois da Última Chamada. O lugar funciona como um ralo da cidade. Todas as madrugadas, quando os bares fecham, os bêbados, as putas, os advogados, os devassos, os viciados, os ladrões, os tiras e os jogadores — como costumava dizer o velho Sam, “todos os pulhas” — se arrastam pelas ruas e acabam ali. É por isso que os tiras não proíbem a jogatina e a bebida vendida sem licença. É muito bom saber que, às três da

manhã, todo mundo vai estar no mesmo lugar, como suspeitos numa fila do outro lado do espelho de uma delegacia.

O Fossa fica atrás de uma alta cerca de arbustos mal-cuidados, a única construção num quarteirão de terrenos baldios, como o único dente na boca de um banguela. Nos fundos, um pátio imundo serve de estacionamento para o boteco e de vitrina para a meia dúzia de mulheres profissionais que ali se reúnem toda noite para vender seus mais recentes truques de prazer. Dentro, cafetões jogam cartas e esperam pela parte deles.

Pedregulhos espoucam debaixo dos pés de Vince quando ele se dirige para a entrada do Fossa do Sam. Seis carros estão estacionados em volta do pátio coberto de ervas daninhas, e duas garotas negociam o preço de uma transada a três. A uns 50 metros de Vince, uma porta de carro se abre e uma voz de mulher irrompe através do estacionamento:

— Solta!

Vince olha fixamente em frente. Você não tem nada com isso!

— Vince! Diz pra esse cara me largar!

A voz de Beth. Já na porta, Vince se vira e caminha de volta até um Plymouth Duster. Dentro, Beth Sherman está lutando com um sujeito que veste uma malha branca de gola olímpica e um casaco esportivo azul. Ao se aproximar do carro, Vince percebe que a braguilha do homem está aberta e ele está tentando impedir que Beth saia do carro. Ela tenta acertar um golpe nele com a tala de gesso já sujo que cobre seu braço direito. Erra por pouco.

Vince se inclina e abre a porta do carro.

— E aí, Beth? O que é que tá rolando?

O sujeito a solta e ela se afasta, sai do carro e passa por Vince. Ele, novamente, impressiona-se com a beleza dela, com seu rosto triangular e seus enormes olhos redondos, a franja cortada reta, bem acima deles. Deve pesar menos de 50 quilos. Estranho que uma mulher, no ramo de negócios dela, pareça mais jovem do que é, mas Beth pode passar por adolescente — pelo menos quando vista de longe. De perto — bem, o estilo de vida é difícil de esconder. Beth aponta para o sujeito dentro do carro.

— Ele passou a mão na minha bunda.

O sujeito está incrédulo.

— Mas você é uma puta!

— Sou corretora de imóveis.

— Você estava chupando meu pau!

Beth dá a volta por Vince e grita para o homem:

— Você passa a mão na bunda do seu encanador quando ele está concertando sua pia?

Vince se coloca entre Beth e o sujeito e dá um sorriso apaziguador para ele.

— Olha, ela não gosta de ser tocada.

— Que diabo de puta é essa que não gosta que a gente ponha a mão nela?

Vince não tem resposta para isso. Mas gostaria que o sujeito tivesse ficado de boca fechada. Ele sabe o que vem pela frente e não dá outra. Beth passa na frente dele, mete a mão no bolso e joga uma nota de 20 dólares na cara do sujeito.

O homem agarra a nota no ar.

— Eu dei 40!

— E teve metade do serviço — diz ela. — Recebe metade do seu dinheiro de volta.

— Metade? Mas esse tipo de lance não existe! — Ele olha para Vince.

— Você já ouviu falar em meia trepada?

Vince olha de Beth para o sujeito e abre a boca sem a menor expectativa de dizer alguma coisa. Volta o olhar para Beth, e seus olhos ficam cravados um no outro por tempo suficiente para que eles percebam.

Sobre Beth Sherman: tem 33 anos, está começando a deixar de ser uma “gracinha”, cabelos castanhos e olhos dardejantes de tanta atenção. Apesar de detestar ser tocada, Beth é muito respeitada entre as mulheres que batalham no Sam graças a uma grande façanha — largou a heroína sem recorrer à metadona, assim, de um dia para o outro, na maior, há exatamente 19 meses e duas semanas, no mesmo dia em que descobriu que estava grávida. Seu filho, Kenyon, tem agora pouco mais de um ano e parece muito bem, mas todo mundo sabe que ela o examina de fôlego suspenso, comparando-o com as outras crianças no parque e na creche que ele frequenta, procurando pelo menor sinal de que ele seja um pouco retardado ou menos desenvolvido, o que confirmaria seus piores temores de que a droga o tenha arruinado também. E, enquanto claramente se prepara para largar a vida que leva — despediu seu cafetão por escrito — Beth continua a vender suas mirabolantes práticas sexuais, talvez porque seja muito difícil para alguém que foi expulsa do colégio sustentar a si mesma e ao filho. De um jeito ou de outro, ela não é a única das putas do Fossa do Sam que se apresenta como outra pessoa. É um lugar cheio de atrizes e massagistas

terapeutas, modelos, estudantes e assistentes sociais, mas quando Beth afirma que é corretora de imóveis, as pessoas parecem acreditar piamente.

Nas primeiras vezes que freqüentou o lugar, Vince comprou os serviços de Beth (experimentou algumas outras garotas) e ficou intrigado pela fria distância dela, a maneira como se encrespava ao toque das mãos dele. Então, certa noite, seis meses atrás, ela e Vince tomaram duas garrafas de vinho e passaram a noite juntos sem envolvimento financeiro. E foi diferente — alarmante e íntimo. Nada de encrespamento. Mas, desde então, as coisas ficaram muito chatas — Beth não querendo cobrar dele, Vince sem a menor vontade de se envolver com uma mulher que tinha uma criança. Portanto, não dormiam juntos havia três meses. A pior parte é que Vince sentia que a enganava quando estava com outras mulheres e com isso vivia seu período de maior abstenção, com exceção dos tempos em que passou na cadeia. Toda aquela história provava que era verdadeiro o famoso axioma que todo mundo conhecia na mais velha das profissões: sexo de graça estraga tudo.

No estacionamento, Beth, majestosamente, afasta-se do furioso e frustrado garanhão — seu jeans, muito apertado embaixo do casaco, deixa a barriguinha de fora. Vince a observa enquanto ela se distancia, depois tira um dos saquinhos de droga do bolso, inclina-se e exhibe-o pela janela do carro. A Bíblia ensina que até mesmo o pacificador merece ter algum lucro. Ou alguma coisa parecida com isso.

Depois de um segundo, o sujeito dá de ombros e estende a nota de 20.

— Tá legal, tudo bem — diz ele. Quando trocam a mercadoria pela grana, o sujeito balança a cabeça — Nunca ouvi falar numa puta que não deixa a gente passar a mão.

Vince concorda com a cabeça, mas, em sua opinião, o mundo é inteiramente composto de pessoas assim, tiras que fumam maconha, ladrões que pagam imposto, madames da sociedade que usam calcinhas eróticas, prostitutas que dormem com ursinhos de pelúcia, confeitheiros que cometem crimes, putas que fazem corretagem de imóveis. Ele se lembra de um bombeiro de seu antigo bairro, chamado Alvin Dunphy, que sofria de claustrofobia. Morreu quando um edifício em chamas caiu em cima dele. Trinta e oito.

— Metade não dá. Ou vai até o fim, ou nem começa.

— Aposto um dólar. Concordo com o Jacks. Qual é a graça do lance se você não goza no fim?

— Sei lá. Acho que, na minha primeira vez, ela não me deixou gozar.

— Quantos anos você tinha, Petey?

— Na primeira vez? Treze. Aumento mais um dólar.

— Treze? Sério mesmo? Eu gostaria de ter tido uma irmã.

— Mas era a sua irmã.

— Então, o que você acha, Vince?

Ele estivera calado, perdido em pensamentos, sentindo os efeitos da ressaca de uma noite cheia de sonhos perturbadores. Está sentado absolutamente imóvel, inclinado sobre os joelhos, olhos cravados no nada, suas cartas formando um perfeito monte a sua frente. O Fossa do Sam é escuro e acarpetado — a velha sala de jantar e a sala de visitas da casa vitoriana são decoradas com tapeçarias nas paredes que retratam homens com bigodões e negros que trepam com mulheres de bundas enormes. A luz vem de um par de lâmpadas nuas penduradas no teto e de um abajur colocado atrás do bar. São seis mesas nas duas salas principais — o pôquer rola em duas delas, nas outras quatro, as pessoas comem costeletas. Quatro mulheres, incluindo Beth e Ângela, sua melhor amiga, estão sentadas no bar bebericando drinques das garrafas que Eddie guarda escondidas debaixo do balcão.

Vince endireita o corpo e tira o cabelo da frente dos olhos.

— Estou dentro. — Joga uma nota de cinco na mesa, sem olhar suas cartas. Todos sabem que, no final das contas, Vince vai até o fim. — O que eu acho? Acho perfeitamente normal não gozar. Francamente, de um jeito ou de outro, a melhor parte é o começo, e tem pessoas que dizem que o fim é a morte de tudo. Ou pelo menos quando vai tudo pelo ralo. Não, acho que o que compensa mesmo devem ser os primeiros minutos... quando a pessoa se concentra completamente no que está fazendo.

Os jogadores levantam os olhos de suas cartas para as de Vince, perfeitamente empilhadas na frente dele, e tentam se lembrar se ele, ao menos, deu uma olhada nelas. Vince olha na direção do bar, onde Beth está de olhos cravados nele. Ela está com um leve sorriso nos lábios, imóvel. Depois olha para o teto, como se tivesse acabado de deixar escapar uma idéia deliciosa e a estivesse vendo voar para longe, como o balão de uma criança.

O jogo acabou e vince. Vince está com a corda toda, contando o maço de notas do tamanho de um par de meias. Os outros homens trocam olhares. Todos conhecem o que se diz à boca pequena sobre Vince — seu apareci-

mento súbito, o sotaque de Nova York, sua habilidade com cartas, mulheres e crimes. É uma reputação que Vince conseguiu manter sem nunca ter admitido — falava do passado somente por meio de piscadelas e assentimentos com a cabeça.

— Onde é que você aprendeu a jogar desse jeito? — pergunta Petey.

— Na escola de confeitaria. — O sujeito ri. Vince joga duas notas de cinco sobre a mesa para pagar as bebidas. Levanta-se. Quatro e meia da madrugada e ele está começando a superar seja o que for que o estivera atormentando naquela manhã. — Amigos — exclama ele, e dá um tapinha no maço de notas.

Depois de comer suas costeletas e acertar as contas com seus cafetões, as putas se juntam num grupinho à porta. Sabem que não devem perturbar Vince até que ele tenha ganhado ou perdido, mas essa noite, já que ele ganhou, elas vão com tudo para cima dele. Braços se enroscam no seu, unhas pintadas correm por seus cabelos. Vince se comporta como um ídolo experiente.

— Quer um pouco, Vince?

— Tem uns cartões pra gente, Vinnie?

— Com você eu vou até o cu do mundo, querido.

— Fumo? Você tem um pouco de fumo?

Na porta, ele troca cartões de crédito falsificados e pacotinhos de droga por grana e abraços apertados. Mesmo recusando ofertas de donativos e fiados, ele estaria mentindo se não admitisse que essa era a sua hora favorita do dia, esse mercadinho do lado de fora do Fossa do Sam, quando os homens morrem de inveja dele, as mulheres fazem seus joguinhos com ele, e ele as segura com cartões de crédito fajutos e droga a preço de custo.

Quando acabam os cartões e a droga, Vince sai. Lá fora, ouve seu nome. Ele se volta e vê Beth olhando os próprios sapatos. Ela olha para ele, toda enternecida, o queixo ainda apontado para baixo; é um gesto delicado, recatado, e o fato de ela não ter a menor consciência do que está fazendo faz com que seja ainda mais encantador.

— Obrigado pelo que você fez hoje, Vince — diz ela. — Eu não sei por que eu fico tão...

— Tudo bem — diz Vince. — Você tem estudado? — Desde que Vince a conheceu, Beth vem estudando para conseguir sua licença de corretora de imóveis. Ela estuda, mas nunca se resolve a ir fazer o exame.

— Tenho. — Ela dá de ombros. — Na semana que vem, vou fazer plantão numa casa. É uma espécie de experiência. O Larry está com três plantões e precisa de alguém para fazer um para ele. Se eu conseguir vender, ele vai me dar metade da comissão por baixo do pano.

— É mesmo? — exclama Vince. — Vou dar uma passada.

— Sério?

— Sério. Talvez eu até compre a casa.

— Muito engraçado. — Ela acaricia o braço dele, faz de novo aquela coisa com os olhos, subindo e descendo, um gesto de alívio, depois se vira e volta para dentro.

Carros se alinham na rua atrás de Vince; faróis iluminam suas costas. Quem era mesmo aquela garota do colégio? Tomou todas com uns caras e atravessou na frente de um carro. Angie Wolfe. Trinta e nove.

As mãos de Vince estão nos bolsos da jaqueta e seus ombros estão erigidos, protegendo as orelhas. São apenas seis quarteirões até a confeitaria e ele gosta de caminhar no frio cortante, o sol ainda escondido no horizonte de Idaho, sua sombra se encurtando a seus pés quando se aproxima do poste iluminado. E o velho Danello, cujo corpo, tecnicamente, nunca foi encontrado? Não importa. Já são 40.

A loja de bolinhos tem o nome infeliz de Água na Boca, e seus donos se chamam Ted e Marcie, um casal de idosos que aparece por poucos minutos a cada dia para fumar um cigarro e tomar um cafezinho com seus velhos amigos de cabelos brancos. Para Vince, está ótimo; ele toma conta do lugar e Ted e Marcie lhe dão toda a liberdade de que ele precisa.

Ele chega perto da loja — estuque avermelhado numa esquina movimentada a um quilômetro e meio do centro. Luzes acesas dentro. Isso é bom. Vince caminha pelo beco para pegar o jornal, tira o elástico e pára debaixo do poste para dar uma olhada na primeira página. Carter e Reagan numa disputa acirrada. Vai haver um debate naquela noite. O parlamento do Irã se reúne para tentar encontrar uma solução para a crise dos reféns. Ele dá uma olhada nas manchetes, mas não lê os artigos, vai direto para a seção de esportes. O Alabama ganhou por 15 pontos do Mississippi. Parece muito. Vince dobra o jornal e começa a caminhar em direção à porta da frente quando percebe, com sua visão periférica, alguma coisa se mexendo.

Levanta a cabeça e dá um passo para dentro do beco, apertando o jornal contra o peito. O motor de um carro é acionado. Cadillac. Os faróis se acendem e Vince, por reflexo, cobre os olhos enquanto alguma coisa dentro dele manda que ele corra. Mas, no beco, não há onde mergulhar, nenhum lugar para se esconder. Então, ele espera.

O Cadillac Seville cor de vinho aproxima-se lentamente dele e a janela do motorista se abre com um ruído mecânico.

Vince se inclina.

— Meu Deus, Len. O que é que você está fazendo por aqui?

O rosto de Len Huggins é uma coleção de coisas erradas: dentes estragados, lábios finos, nariz quebrado, bochechas caídas e duas costeletas pretas e enormes formando dois “L” maiúsculos (De Len, cara! Entendeu? L? De Len?). Len cuida de uma loja de aparelhos de som onde Vince usa seus cartões de crédito falsificados para comprar mercadorias e conseguir uma graninha adiantada. Len tira os óculos escuros que usa mesmo de noite e enfia-os no bolso da camisa.

— Vince! — estende a mão pela janela.

— O que é que você está fazendo por aqui? — repete Vince.

— Vim buscar meus cartões de crédito, cara.

— Hoje é terça-feira.

— Eu sei disso.

— Nós fazemos isso nas sextas.

— Eu sei disso, também.

— Então, o que é que você veio fazer aqui numa terça?

Finalmente, desistindo do cumprimento, Len recolhe a mão estendida.

— Então, você não está com os meus cartões de crédito? É isso o que você está me dizendo?

— O que eu estou dizendo é que não importa o que eu tenho ou não tenho. Nós fazemos isso nas sextas. Eu não estou entendendo nem por que você veio até aqui.

— Eu só achei que você já poderia estar com meus cartões hoje.

— Bem, mas eu não estou.

— Está bem — Len assente com a cabeça e olha pelo espelho retrovisor. — Não tem problema.

Vince endireita o corpo e vira a cabeça para olhar o fim do beco.

— Por que você está fazendo isso? — pergunta.

— Fazendo o quê? — responde Len.

— Olhando para o beco.

— O que você quer dizer com isso?

— Tem alguém lá?

— Onde?

Vince aponta para o fim do beco.

— Lá atrás. Você fica olhando pelo retrovisor.

Len volta a colocar seus óculos escuros.

— Você é um paranóico, Vince.

— Sei. Eu sou paranóico. — Vince começa a se afastar. — Nos vemos na sexta.

— Não vou aparecer na sexta. Era isso que eu queria dizer. Vou mandar um cara novo.

Vince se vira, frio.

— O que você quer dizer com um cara novo?

— Quero dizer um cara que é novo, o contrário de um cara que é velho.

— Certo, isso eu já entendi. Quem é ele?

— Só um cara para me ajudar na minha parte. O nome dele é Ray. Você vai gostar dele.

Vince volta até a janela aberta do carro.

— Desde quando você tem uma parte, Lenny? Você compra merdas com meus cartões de crédito. Desde quando isso é uma parte?

— Que diabos deu em você, Vince? Você só precisa se encontrar com esse cara. Relaxa. — Len pressiona o botão para subir o vidro da janela. — Você não está sacando, amigão. — É a última coisa que Vince ouve antes do Cadillac se afastar. O carro faz uma pausa na esquina, uma piscadela das luzes de freio, e vira, deixando Vince sozinho no beco, olhando para o vapor de sua respiração. Ele dá outra olhada no fim do beco, depois começa a ir em direção à confeitaria.

Vince odeia becos. Jimmy Plums foi apagado num beco quando saiu de uma boate de strip-tease para dar uma mijada. Fizeram com que parecesse um assalto, mas todo mundo sabia que Jimmy foi eliminado por causa de uma sonegação nuns antros de jogo em Howard Beach. Então, quanto dá? Quarenta e um? Ou 42? Ah, legal! Agora você perdeu a conta.



E os Donuts? Funciona assim: Vince chega à Confeitaria Água na Boca às 4:45. Primeiro, vai até o porão e guarda todo o dinheiro extra que ganhou no cofre escondido lá embaixo. Quando sobe, seu assistente, Tic, já terá trabalhado cerca de uma hora, ligando as luzes, preparando os donuts de acordo com as receitas de Vince, acendendo o forno e as panelas de fritura, tirando o merengue para deixá-lo descongelar. Tic tem 18 ou 19 anos — Vince não tem certeza — e costuma sempre jogar para trás seus cabelos finos muito compridos. Vince nunca o viu usar o enorme pente que carrega sempre no bolso de trás. Tem olhos abatidos e uma espécie de energia nervosa que nunca parece amainar. Todas as noites, Tic bebe e toma drogas até as três da madrugada, depois toma café, vai até a confeitaria e só vai dormir quando sai do trabalho, às dez da manhã. Acorda às seis da tarde e retoma a mesma rotina, tudo de novo.

No minuto que Vince entra pela porta, Tic começa a falar.

— Tô apaixonado por um docinho de coco, Sr. Vince. Curto um tesão doidão pelo docinho.

Vince tem um armário nos fundos. Dentro, guarda suas roupas de trabalho e a brochura que lê nos intervalos — está batalhando com um romance chamado *The System of Dante's Hell*. Ele abre o livro, lê algumas sentenças obscuras e volta a guardá-lo. Tira sua calça larga e sua camisa social preta e veste um avental branco.

— Tô muito a fim de juntar os trapos com o docinho de coco — diz Tic. — O lance agora é levar o docinho para o baile de formatura. Quero levar o docinho pra casa, apresentar pros meus velhos.

Vince lava as mãos.

— A sacada é casar com o docinho de coco, ter um monte de bebês docinhos de coco, levar os pequerruchos pros jogos de beisebol e organizar umas festinhas com todos os amiguinhos com cara de urso, muito a fim de donuts de canela...

Vince costumava tentar entender as arengas de Tic e até mesmo contribuir com os desvarios, mas quando alguém conversa com ele, Tic fica confuso e irritado, então Vince aprendeu a encarar seu jovem assistente como um mero transmissor de música de fundo dissonante.

— Detesto donuts de maçã. Detesto tudo o que parece donut de maçã. Não quero saber de pesticidas no meu jardim e não quero saber de frutas nos meus donuts.

Quatro anos antes, se alguém dissesse a Vince que ele acabaria por gostar da rotina de um trabalho como esse, ele rolaria de rir. Você passa seus primeiros 36 anos tentando evitar esse tipo de vida. Depois se vê jogado bem no meio dela e acaba sendo mais do que suportável — é emocionante de uma maneira que não dá para explicar para a pessoa que você foi. E, mesmo assim, Vince se pergunta se alguém como ele é capaz de mudar — mudar de verdade, as coisas fundamentais, os desejos e as tendências.

A confeitaria prepara sua mercadoria até o amanhecer e, às dez para as seis, a garçonete Nancy entra sem dizer uma só palavra, passa dez minutos no toalete, depois sai com blusa e calça de garçonete, um cigarro fino no canto da boca e, muito desafinada, começa a cantarolar canções. Eles são especialistas em irritação, esses dois. Tic leva até Vince uma bandeja de donuts de canela e Vince dá uma olhada sem interromper a nova lengalenga de Tic sobre um programa de governo para...

— ...realizar experiências em macaquinhos, pessoas e o diabo, tudo por baixo do pano, provavelmente lá pras bandas do pólo norte, ou do Canadá, ou da Groenlândia, que é menor do que parece nos mapas, me explica isso pra mim, Sr. Vince, por que cargas-d'água eles fazem a Groenlândia ficar maior nos mapas, a não ser pelo motivo de que estão fazendo uma coisa que eles não querem que a gente saiba, e daí?, o senhor quer que eu congele os donuts ou polvilhe eles com açúcar?

— Polvilhe açúcar.

— Sabe o que é? Com os cadáveres de gente eles têm de tomar cuidado, evidentemente, então eles tacam fogo neles para se livrar dos corpos e de todos os vestígios da doença e dos implantes e toda essa merda, mas sabe o que é que eles fazem com os macaquinhos, Sr. Vince? Sabe? Sabe? Faz alguma idéia?

Vince fica calado.

— Pois com os macaquinhos eles moem eles e misturam na carne que fornecem pra gente, e ninguém nem se toca de nada. A gente vai lá, pede um hambúrguer e, em metade das lanchonetes desse país, sabe o que é que tá comendo?

Vince sabe muito bem que é melhor não arriscar uma resposta.

— Macaco, cara. A porra do filho da puta do macaquinho.

Então você constrói sua vida com o que tem nas mãos. As amostras aparecem — fritas, congeladas, recheadas com geléia — e sua tranquilidade nasce da organização, especialmente num dia em que você não consegue parar de contar pessoas mortas. (Aldo Guinelli. Quarenta e oito). Fritas, congeladas e recheadas. Nenhuma razão para que essa seqüência seja menos satisfatória do que alguma outra — digamos, escalpelo, aspiração e sutura. Encha as caixas, sele tudo e cumprimente o sujeito da caminhonete da distribuidora que sempre, sempre comenta como cheira gostoso aqui dentro, como se tivesse esquecido que dissera a mesma coisa no dia anterior.

O luminoso de “Aberto” acende-se com um estalido e as luzes do salão ganham vida. A primeira leva é de homens: lixeiros, tiras, viúvos e bêbados — soprando nas palmas das mãos, tirando as luvas de tricô e os gorros de lã. Vince agüenta os donuts fritos, os docinhos de coco e o fumegante café preto e espera a nova leva de clientes regulares — os que têm sono pesado: homens casados, aposentados, funcionários de escritório que querem os mesmos donuts de sempre, o mesmo café de sempre, com a mesma quantidade de açúcar e creme de sempre, sentando-se nos mesmos lugares de sempre, nas mesmas mesas de fórmica de sempre, fumando os mesmos cigarros de sempre. Vince gosta da mesmice de sempre da conversa deles, mesmo que não preste atenção no que dizem, um truque que aprendeu com Tina, sua ex-namorada, que era atriz quando não estava trabalhando em negócios escusos com o irmão dela, Benny. Tina conseguia a maioria de seus trabalhos em muquifos cheios de ratos e baratas no Village e no SoHo, mas certa vez conseguiu um pequeno papel em um grande espetáculo off-Broadway. Aparecia no fundo do palco em algumas poucas cenas. Vince ficou tão orgulhoso que a assistia todas as noites. Adorava a peça ainda mais cada vez que a via. Amava a previsibilidade e as pequenas mudanças dentro da mesmice — um ator podia fazer uma pausa no meio de uma fala, ou mudar a inflexão, podia entrar em cena um segundo antes, ou depois. Enquanto o enredo se desenrolava (a peça era sobre uma família que era dona de um restaurante; havia um irmão homossexual, um outro que queria ser padre e uma irmã solteira que estava grávida), os figurantes não paravam de falar, desatentos. Vince perguntara a Tina sobre o que ela e os outros

figurantes conversavam quando ficavam no fundo do palco, em uma cena em que o restaurante estava particularmente cheio. Ela respondera que eles deveriam apenas ficar murmurando bobagens sem sentido para criar um ruído de fundo e uma coreografia de bocas em movimento. A namorada de Vince repetia sem parar: banana, maçã, morango. Às vezes, mudava a ordem: morango, maçã, banana.

Então era isso que Vince imaginava que as pessoas ficavam falando todos aqueles anos: banana, maçã, morango. Parecia confirmar o que ele sempre imaginara: que as pessoas normais, comuns — professores, bombeiros, contadores — não passavam de figurantes nas vidas de sujeitos como ele. Era assim que a vida comum parecia ser: uma coleção de palavras e conceitos sem sentido — emprego, casamento, hipoteca, ortodontista, associação de pais e mestres, trailers. Como vai você? Muito bem. Como vai você? Muito bem. Que dia bonito. Banana, maçã, morango. Fritos, congelados, recheados. Banana, maçã, morango.

Mas, naquele dia, ele ouviu a conversa dos clientes habituais — dois sujeitos a caminho do ferro-velho para tentar encontrar uma máquina de lavar; um homem aconselhando outro a aplicar seu dinheiro em ouro; uma mulher mostrando fotos de seus netos — e pensou que no ferro-velho deveria haver alguma máquina de lavar que funcionasse, que os netos da mulher deviam ser adoráveis, que ouro é um ótimo investimento. É preciso ter uma espécie de coragem para levar uma vida comum.

Na porta da biblioteca, em Rikers, havia um cartaz inspirado. Retratava um céu noturno e, embaixo, lia-se: A comunidade dos homens é feita de um bilhão de pequenas luzinhas.

A comunidade dos homens... à noite, na prisão (o sono nesses lugares é como a morfina, frio e sem sonhos), Vince imaginava um lugar de verdade, uma cidade em algum lugar que ele podia ver perfeitamente, como nos antigos programas de televisão, uma cidade da década de 1950 onde todo mundo tinha pai e mãe e as casas tinham cercas de estacas pontudas, por onde passavam policiais que sorriam e cumprimentavam, tirando o chapéu.

E agora... ali está ele. Em Spokane, Washington.

Tic acabou de lavar a louça e está guardando os pratos. Vince vai até o armário e pega seu livro — ele sempre lê no intervalo para o café —, mas resolve ir até a pia, coloca o livro de lado, apóia o pé numa banquetta e acende um cigarro. Olha para seu jovem assistente.

— Vou lhe perguntar uma coisa, Tic.

Ser encarado faz com que Tic fique sem jeito.

— Quantas pessoas mortas você acha que conhece?

O jovem dá um passo para trás.

Vince muda de posição. Não era necessariamente isso que ele pretendia perguntar. Tira o pé da banqueteta.

— Não quero dizer, especificamente, quantas pessoas mortas. O que eu estou querendo dizer é: você nunca teve uma idéia maluca que não sai da sua cabeça? Como hoje, eu não consigo parar de pensar em quantas pessoas mortas eu conheço. Uma coisa assim já aconteceu com você?

Tic inclina-se para frente, muito sério.

— Toda porra de dia, cara.

Nunca permita que seu emprego atrapalhe seu trabalho. Esse poderia ser o lema de Vince, se ele acreditasse em lemas. Ao meio-dia termina seu serviço na Confeitaria Água na Boca e fecha o lugar. Lá fora, no dia frio e claro, ele se sente melhor — mas percebe que ainda não parou de contar. A coisa toda é como uma canção popular que ele não consegue tirar da cabeça. Pela última contagem são 57 (o pai de Ann Mahoney). Ele vai na direção sul, atravessa o rio e dá uma olhada por sobre o ombro. Finalmente, entra em uma pequena loja de tijolinhos que tem uma placa onde se lê DOUG — FOTOS PARA PASSAPORTE E LEMBRANÇAS.

Um jovem estudante está sendo fotografado. Vince senta-se na frente do balcão, pega uma revista e espera que Doug — gordo, barba branca crescida e rosto vermelho, parecendo um Papai Noel mal-encarado — termine de fazer a foto para a carteira de motorista falsa.

— Como vai ela, Vince?

Vince ignora a pergunta e continua a ler o artigo sobre o novo Ford Escort, que, segundo a fábrica alega, faz 13 quilômetros por litro de gasolina e tem mais espaço interno que um Chevette. Os carros estão cada vez menores e quadrados. Quando isso começou? Parecem umas lancheiras. Deve ser duro para os ladrões de carro. Onde é que você esconde uma lancheira de quatro cilindros?

Doug plastifica a nova carteira de motorista do garoto, balança no ar para que seque e entrega para ele. Recebe 20 pratas pelo trabalho.

— Se algum gerente de boteco pegar esse troço, você diz que comprou em Seattle, sacou?

O garoto não consegue tirar os olhos da nova identidade. Finalmente, sorri, expondo o aparelho dentário e as covinhas do rosto. Quando, finalmente, vai embora, Vince joga a revista em cima do balcão.

— Trouxe meus números? — pergunta Doug, apoiando sua enorme bunda na banquetta atrás do balcão. Vince estende-lhe uma folha de papel coberta de nomes e números dos últimos cartões de crédito roubados.

Doug corre o dedo pela lista.

— Para segunda-feira está bom?

— Ótimo.

Doug move seu corpanzil consideravelmente pesado, abre uma gaveta e tira um maço de cartões de crédito falsificados — elaborados a partir da última relação de números de Vince.

— Então, onde é que você consegue tudo isso? Você não pode estar roubando todos esses cartões só da confeitaria...

Vince não responde.

— É assim que eles fazem lá no leste?

Vince não responde.

Doug resmunga ao olhar para a lista de números.

— Porra, cara, por que você está tão irritado?

— Não estou irritado.

— Então por que não me diz onde consegue esses números?

Há um certo toque de desinteresse na pergunta. Vince pega os cartões de crédito e entrega a Doug um pequeno maço de notas.

— Vamos lá — diz Doug, contando o dinheiro. — Tenho o direito de saber.

Vince guarda os cartões no bolso.

— Quer dizer, eu faço idéia de como o esquema funciona — diz Doug.

— Eu não passei os últimos seis meses dormindo, você sabe.

— Está bem — responde Vince. — Então por que você não me diz como funciona?

— Bem, você rouba esses cartões de algum lugar. Anota os números e depois devolve os cartões para os donos para que eles não informem à administradora. Eu faço cópias dos cartões. Você leva os cartões que eu faço, compra um monte de merda com eles, vende a merda e depois vende os cartões. Assim recebe duas vezes. Estou certo?

Vince não responde. Vira-se para ir embora.

— Ora, vamos lá — Doug ri. — Afinal, nós somos sócios. O que é que você está achando? Que eu vou me virar contra você?

Vince pára, volta lentamente a cabeça.

— Tem alguém querendo que você me traia?

Doug endurece.

— Do que é que você está falando?

— Não estou falando de porra nenhuma. Meu Deus! Relaxa, Vince. Não seja paranóico.

Aquela palavra de novo. Vince o encara por um momento e depois sai. Olha para trás pela janela da frente. Com a boca, Doug faz a palavra paranóico.

Havia aquele sujeito chamado Meyers que tinha um açougue num certo lugar perdido no mundo. Esse tal Meyers só trabalhava com imigrantes vietnamitas recém-chegados, porque, para eles, podia pagar menos e, de acordo com Meyers, eles estavam pouco acostumados com os Estados Unidos para poder traí-lo pelas costas. Costumava ficar sentado no seu cadeirão de balanço enquanto os garotos vietnamitas roubavam carros para ele, desmontavam e vendiam as partes por toda Nova Jersey. E ele lhes pagava uma ninharia. Então, um belo dia, Meyers simplesmente desapareceu. No dia seguinte, um velho vietnamita está dirigindo o açougue, sentado no mesmo cadeirão de balanço. Tem uma lição nessa história — uma lição sobre condescendência. Ou talvez sobre cadeirões de balanço. E isso já dá quanto? Cinquenta e oito?

Vince Camden anda por todo lugar. Em dois anos, ainda não se acostumou com todos aqueles carros; aqui, todo mundo guia para todo lugar, até mesmo as senhoras. Nessa cidade, cinco sujeitos vão a um bar em cinco carros, tomam uma cerveja, depois entram nos seus cinco carros e dirigem três quarteirões até o próximo bar. Não é somente um desperdício. É falta de civilidade. As pessoas dizem que é por causa do inverno rigoroso em Spokane, que fica no cruzamento entre o norte do estado de Nova York e Plutão. Mas, com exceção de uns poucos lugares na Flórida e na Califórnia, o tempo é uma merda em toda parte. Todo lugar é muito quente, ou muito frio, ou muito úmido, ou muito alguma coisa. Não, mesmo no inverno Vince prefere caminhar — como agora, afastando-se da loja de Doug em direção ao centro, que assoma à frente, um punhado de novos obeliscos

de 20 andares de vidro e aço cercado por velharias de tijolo e pedra. Ele gosta da massa de edifícios vistos a distância como agora — a impressão de cornijas e pilares. A imaginação preenche os espaços vazios.

Vince pára em um pequeno restaurante, pede um café e senta-se sozinho numa mesa. Olha pela janela, roendo a unha do polegar. Duas vezes no mesmo dia aquela palavra. Paranóico. Mas como é que você pode dizer que está paranóico quando se preocupar com a possibilidade de estar paranóico é um sintoma de paranóia? Não é necessariamente o fato de Doug perguntar onde ele arranja os cartões de crédito, ou de Lenny aparecer no beco dois dias adiantado — mesmo que qualquer um desses fatos já bastasse para lhe despertar suspeitas. É essa sensação da qual não consegue se livrar desde que acordou — essa impressão de estar sendo pastoreado, de que sua hora está chegando. E se a morte estiver mesmo espreitando lá fora, num certo lugar, esperando que você passe por ali, como um piano suspenso sobre a calçada? Ele se sente como uma peça de xadrez, como um cavalo que se aventurou sem cobertura e está sendo caçado por todo o tabuleiro pelos peões do adversário. Ele consegue escapar dos peões, mas percebe a existência das outras peças, peças mais fortes — apenas um movimento, dois, três, para capturá-lo. Passado um momento, Vince vai até a frente do restaurante e enfia uma moeda no telefone público. Disca.

— Olá. Ele está?

Espera.

— É o Vince. Está a fim de um joguinho de xadrez?

Escuta.

— Ora, vamos lá. Por que é que eu vou ter de fazer desse jeito?

Escuta.

— Meu Deus. Está bem, está bem... É meio-dia e 14. Preciso entrar. Lá. Serve assim?

Escuta.

— Eu tenho de ver você agora. Hoje.

Escuta.

— É claro que isso é uma emergência. O que é que você acha?

Desliga, volta para sua mesa e termina seu café. Fecha o zíper da jaqueta e sai. Caminha em direção ao centro, a cabeça abaixada. Está frio e enso-larado, e essa combinação, de alguma maneira, o faz estremecer. Inspira

fundo pelo nariz e pega a rua vazia que vai em direção ao centro, as árvores desfolhadas, esqueléticas. Do seu jeito, é mesmo uma cidade bonita. Não tanto pela parte arquitetônica, mas pelos contrastes: vislumbres de estilo contra os drásticos morros e as árvores urbanas e o rio cortando, passando através de tudo — um descampado muito próximo de uma civilização com algumas poucas toneladas de concreto, betume e tijolos. Um lugar de verdade. Ele caminha sem olhar para trás, coisa pouco comum nele.

Se tivesse olhado para trás, não iria gostar do que veria. Dois quarteirões atrás, o Cadillac cor de vinho de Len Huggins está parado na frente da loja de fotos para passaporte e lembranças de Doug.

Doug coça o queixo.

— Quanto?

— Ele diz que é de graça. — Lenny tira seus óculos escuros. — Quer dizer que não custa nada.

— Eu sei o que quer dizer. Quem é o cara?

— Só um sujeito. O nome é Ray.

— E de onde é esse Ray?

— Lá do leste, como o Vince. Acaba de chegar na cidade.

— O que é que ele está fazendo aqui?

— Eu não sei, cara. Ele não disse.

— Mas ele vive disso?

— Ah, sim. Ele aperta os botões.

— Botões?

— É assim que eles chamam.

— Botões?

— É, foi o que ele disse. Trabalha para uns caras da pesada lá do leste.

— E você tem certeza que ele não é um tira?

— Ele não é tira, Doug. Não esse cara.

— Não sei, não.

— Olha. O cara está a fim de fazer por de graça. Como é que nós podemos dizer não?

— Não é por de graça, Len. É só de graça.

— Seja como for. Olha, esse Ray diz que, lá no leste, eles fazem todo esse esquema de cartões de crédito de um jeito diferente. O Vince está ganhando muito mais grana do que paga para a gente. Isso não está certo. E ele ainda

não nos conta onde arruma os cartões. Isso também não está certo. Nós deveríamos ser sócios e ele está enrustindo coisas da gente, cara.

— É só que eu... eu gosto do Vince.

— Eu também gosto dele. Todo mundo gosta do Vince. Não tem nada a ver com o Vince.

— Então o que é que a gente vai ter de fazer?

— Nada.

— Nada?

— Só mostrar para onde é que ele tem de apontar o revólver.

Caminhe por qualquer quarteirão em Spokane e você vai perceber pelo desenho da cidade a maneira como ela foi construída — uma lenta implantação de residências que levou 150 anos, primeiro preenchendo o desfiladeiro do rio, do oeste para o leste, depois subindo pelas encostas, cumes e morros: para frente e para cima, para o norte, sul, leste e sempre para cima. O centro, sete por 15 quarteirões de tijolos, blocos e terracota, cobrindo a primeira encosta e mais além e mais acima ficam os bairros de residências vitorianas, em estilo Tudor e modernas, e além disso construções em art déco, chalés e bangalôs, e depois disso ranchos espalhados em níveis diferentes, bairros que começaram a ocupar as encostas mais distantes dos morros.

No centro desse conglomerado ficam as quedas-d'água prateadas em torno das quais a cidade se compõe e, dois quarteirões acima das cachoeiras, fica o Tribunal Federal, um edifício novo em forma de caixa, com dez andares. Num escritório do sexto andar, em cada um dos dois lados do tabuleiro de xadrez, sentam-se Vince e um parrudo assistente de xerife chamado David Best. Vince tinha movido um peão, e o assistente de xerife Best está com a mão no cavalo da rainha e pensa em colocar o peão de Vince em perigo. Passa os olhos por todo o tabuleiro, por cima e por baixo do próprio braço, seu olhar dardejando peça a peça.

— Você vai mover esse cavalo ou está só alisando o pêlo dele?

— Só um segundo — diz David. O assistente de xerife tem 50 anos e isso está na cara: gordo e grisalho, as bochechas e o nariz avermelhados, um círculo careca no topo da cabeça. Usa calça larga e amassada, uma jaqueta com tecido de espinha de peixe e uma gravata grossa de tricô com um laço tão apertado que estrangularia o próprio cavalo que ele pensa em mover. Finalmente, David mexe o cavalo e ameaça o peão de Vince.

Rapidamente, Vince move seu próprio cavalo e defende o peão que movimentara no lance anterior. Dá um tapinha num relógio de xadrez imaginário.

— Que tal Christensen?

— Vince Christensen?

— Carver?

— Vince Carver?

— Claypool?

David coloca a mão num peão e volta a examinar todo o tabuleiro, olhando por baixo do braço em ambas as direções enquanto estuda sua jogada.

— Olha, você não pode ficar trocando seu nome a cada seis meses. Não é assim que as coisas funcionam.

— Vai funcionar melhor se alguém me matar?

— Ora, vamos lá. Quem é que vai matar você, Vince?

— Eu já disse. Camden é uma cidade em Nova Jersey, certo? Vince Camden? Seria melhor me chamar de Vince Capone de uma vez. Você não acha que eles vão descobrir?

David levanta os olhos do tabuleiro.

— Quem?

— O quê?

— Quem é que vai descobrir? De seis em seis meses você aparece por aqui pensando que tem alguém querendo pegar você. Na última vez...

— Certo, mas dessa vez...

— Na última vez você quase mata aquele pobre coitado da Companhia Telefônica.

— O cara ficou 40 minutos trepado no poste na frente da minha casa! Agora me diga: o que é que um sujeito fica fazendo num poste telefônico por 40 minutos?

— Consertando o telefone?

— Eu só estou dizendo que dessa vez...

— Dessa vez! — David levanta as mãos. — Quem são essas pessoas que estão a fim de pegar você, Vince? Eu verifiquei o seu caso. Não tem ninguém atrás de você.

Vince simplesmente olha para ele.

— Aquele bando que você testemunhou contra já nem existe mais. O Bailey está morto. O Crapo está morto. E o único cara que tinha ligações...

como é que ele chama? O velhão, Coletti? Ele não era nada... um peixinho. Um velho caindo aos pedaços. Nem chegou a ficar preso um ano, depois de condenado. E agora está aposentado. Francamente, fiquei chocado quando soube que eles o colocaram no programa. Eu não consigo entender que diabo de proteção é essa nesse programa de proteção às testemunhas. — David encara Vince, seus grossos dedos de noctívago descansando no peão.

— Se você continuar acariciando esse peão, ele acaba ficando excitado, cresce e vira um bispo — diz Vince.

Finalmente, David move o peão. Recosta-se e ajeita os óculos em cima do nariz.

Vince joga com seu cavalo.

— Só anota na sua agenda particular que eu vim aqui — diz ele. — Desse jeito, quando me pegarem, você terá de explicar para os seus chefes por que não fez nada.

Isso, finalmente, enche o saco de David. Sua face fica ainda mais vermelha. Ele se ajeita na cadeira e olha para o tabuleiro com expressão infeliz. Depois de um momento, afasta a cadeira e levanta-se com algum esforço, vai até um arquivo de metal e volta com uma pasta em que está escrito PROTES.

— Existem 3.200 pessoas nesse programa, Vince. Sabe quantas nós perdemos? Quantas testemunhas foram mortas depois que nós as recolocamos?

Vince ergue os olhos.

— Zero. Nem uma só. — David abre a pasta. — Todos os meses nós recebemos relatórios do serviço secreto colhidos em grampos telefônicos, informantes e correspondência. Cada vez que descobrimos uma ameaça, ou sabemos que alguém foi contratado, nós anotamos. Cada vez que uma das nossas testemunhas é mencionada, nós anotamos e catalogamos e mandamos um relatório para o escritório de campo. Cada testemunha recebe um número correspondente ao nível de perigo que está enfrentando, de um a cinco. Sabe qual é o seu nível, Vince?

Um dar de ombros.

— Zero. Nenhuma ameaça pertinente. Sabe quantas vezes o seu nome apareceu nos relatórios do serviço secreto desde que você entrou no programa?

Um olhar em volta da sala.

— Zero. Nada de nada. Em quatro anos, porra nenhuma. Você não foi citado em nenhum grampo. Nem ao menos Aquele cara deveria receber uma lição. Vince, ninguém está a fim de eliminar você porque ninguém mais nem lembra que você existe. Ninguém está ligando. Francamente, para eles, não vale a pena acabar com você. Eles têm peixes maiores. — David volta a se sentar. A cadeira range e David respira pesadamente.

A sala está silenciosa.

— Olha — diz David. — Eu lamento.

Vince dá de ombros.

— Talvez você tenha razão. É só que... — levanta um peão para movê-lo, depois segura-o na mão e fica olhando para ele. — O dia inteiro, fiquei com a sensação de que alguém está me observando, me manipulando. Você já se sentiu assim, David? — O outro balança a cabeça. — Como se eles soubessem o que você vai fazer antes que você faça?

— Não, nunca me senti assim. Pessoas saudáveis não se sentem assim, Vince. Pessoas saudáveis não mudam de nome porque tiveram um dia ruim. — David estuda a expressão de Vince, depois levanta os óculos e se inclina para frente. — Talvez você deva ver o dr. Welstrom novamente. Só para falar a respeito...

— Não.

— Essas coisas parecem a repetição do que você sentia antes, Vince. Medo irracional, ansiedade...

— David...

— Não é muito fácil se adaptar a uma nova vida...

— Não.

— Especialmente quando você deixou alguém para trás. Modo de vida. Amigos. Sua namorada. Como era mesmo o nome dela? Era uma atriz, não é? Tina?

— Isso tudo é necessário? — Vince atira as mãos para o alto. — Será que dá para a gente só jogar xadrez?

— Está bem — David assente com a cabeça. — Desculpe. — Examina o tabuleiro. — E então, como vai o emprego?

— Ótimo.

— Porque, às vezes, pode ser difícil desistir de uma vida mais interessante para, você sabe... ficar fazendo bolinhos. Você entende o que eu quero dizer?

— Que você joga xadrez como a minha avó?

David não consegue conter um sorriso, coloca a mão no seu bispo e começa a analisar o tabuleiro novamente.

— Talvez você esteja precisando de um passatempo, Vince. Você deveria aprender a jogar golfe. Afinal de contas, o que é que você faz no seu tempo livre?

— Jogo cartas. Leio um pouco.

— Lê o quê?

— Começos de romances.

David levanta as sobrancelhas.

— Por que você não termina de ler?

— Sei lá — responde Vince.

Ele se reclina na cadeira e olha por sobre a cabeça de David para um retrato pendurado na parede atrás do enorme assistente de xerife. No retrato, o presidente Jimmy Carter, melancólico num terno cinza, olha para Vince, os cabelos loiros do presidente já grisalhos, os lábios apertados, escondendo aquele seu sorriso freqüentemente zombeteiro, cheio de dentes — seu rosto revelando uma suavidade, uma prestatividade que não estava lá quatro anos atrás. O homem mais poderoso do mundo?

Vince não consegue desviar os olhos. Tem alguma coisa na expressão de Jimmy Carter, algo como um forasteiro perdido dentro de si, alguma coisa familiar que Vince nunca tinha percebido antes — e alguma coisa sobre esse homem, esse presidente, sobre os limites de poder e o peso da responsabilidade... mas no momento que o pensamento começa a se formar na sua mente, Vince o deixa escapar e ouve a voz de David:

— Ninguém liga.

Bailey e Carpo estão mortos. Claro. Ele ainda os consegue ver durante o julgamento, com expressões aborrecidas, não verdadeiramente surpresos de que Vince estivesse testemunhando. Nem mesmo furiosos. O promotor: *Os homens que conspiraram com o senhor para usar cartões de crédito roubados para comprar essa mercadoria estão presentes hoje nesse tribunal?* Vince apontando para Bailey e depois para Crapo. Meu Deus, e agora estão ambos mortos. Bailey teve um ataque cardíaco e Crapo foi esfaqueado tentando separar uma briga. Como ele pôde ter esquecido esses dois? Isso dá 60. Sessenta e um.

Vince olha para o tabuleiro onde a mão de David continua segurando seu bispo.

— Você pretende se casar com esse bispo ou vocês dois só estão morando juntos?

Passa das cinco e já está ficando escuro quando Vince volta para casa vindo do Tribunal Federal, passando antes numa lanchonete para tomar uma sopa. Abre a porta e vê a correspondência do dia no chão do vestibulo a sua frente. Tem um envelope pardo sem o endereço do remetente. Do carteiro. Bem na hora. Graças a Deus, pelo menos isso!

A casa que ele aluga é pequena e quente, uma construção de dois andares com um teto de alcatrão que se inclina sobre a varanda do tamanho de um esquife, sustentada por um par de pilares de pinho — tudo formando um exemplo típico de modéstia e pouca expectativa. A sala de visitas é acarpetada. Vince tira os sapatos e liga a televisão. A cena se forma revelando um close do rosto do presidente Carter em cima de um palanque, cansado, os olhos abatidos: *As melhores armas são as que nunca são disparadas em combate e o melhor soldado é aquele que nunca é obrigado a perder sua vida no campo de batalha. A força é um imperativo para a manutenção da paz, mas ambas têm de andar sempre juntas.*

Ah, sim. O debate. Legal. Vince aumenta o volume e vai até a cozinha. Coloca a correspondência em cima da mesa e pega uma cerveja na geladeira. Abre, lê a charada do tipo “o que é, o que é” que vem no rótulo e toma um longo gole. Depois coloca a garrafa de cerveja na pequena mesa ao lado das cartas e abre o armarinho que fica embaixo da pia. Tira de lá uma caixa e a coloca na mesa perto da cerveja.

Dentro da caixa está seu último projeto, a melhor idéia que teve na vida. O projeto tem potencial para, finalmente, tirá-lo para sempre do negócio de cartões de crédito. Vince tira de dentro seis potes de geléia, uma balança, um grande balde de cinzas e uma caixa de charutos cheia de folhas e caules de maconha. Pesa 50 gramas da droga e coloca dentro de um dos potes de geléia. Depois pega uma colher de sopa e enche o pote com cinza. Quando acaba, fecha a tampa de rosca e cola uma etiqueta púrpura e branca que traz impresso:

• • •

### GELÉIA MONTE SANTO

CINZA VULCÂNICA DO MONTE ST. HELENS  
NUM LINDO POTE DECORATIVO DE GELÉIA.  
EMBALADO E DESPACHADO EM SPOKANE, WA.

Embaixo, em letras menores:

IMPRÓPRIO PARA CONSUMO. PARA SER USADO APENAS COMO LEMBRANÇA.

Ele planeja remeter as cinzas vulcânicas para Boise e Portland, onde dois conhecidos seus vão separar a droga, embalá-la e vendê-la. E aí vem a parte mais sensacional: eles ainda vão vender as cinzas para os turistas! Esse detalhe provoca nele um sorriso. Normalmente, você precisa arrumar mulas para transportar a droga e tem de passar a vida dividindo o lucro com eles — sem contar as vendas que eles fazem por fora e a droga que eles mesmos consomem. E você fica sempre preocupado com a possibilidade de eles serem presos e darem com a língua nos dentes, revelando seu nome. Nada disso: você pode usar o próprio governo dos Estados Unidos para fazer o trabalho de mula para você, o que reduz seu custo de postagem para oito centavos por 25 gramas de droga, coisa que a venda das cinzas cobre tranqüilamente, com sobras. Vince pensara em remeter sua droga em salmões defumados, mas a idéia das cinzas é muito mais barata e fácil. Além disso, os clientes não poderão reclamar do cheiro de peixe impregnado na maconha. E o melhor de tudo é que existe um suprimento quase infinito de cinzas no acostamento das estradas; mesmo agora, cinco meses depois da erupção do Monte St. Helens, mais de mil barraquinhas de lembranças ainda as vendem em canetas, garrafas de Coca-Cola e cinzeiros. Então, por que não em potes de geléia?

Depois de encher dois potes de Geléia Monte Santo e tomar uma cerveja, Vince vai até a geladeira e pega outra garrafa.

Senta-se na mesinha e começa a assistir à televisão. Quem fala agora é Reagan, com seu terno escuro, espaçoso e teatral, quase lendo, mas disfarçando: *Eu estive no sul do Bronx exatamente no mesmo lugar em que o presidente Carter esteve em 1977... Parecia uma cidade bombardeada — grandes construções reduzidas a lúgubres esqueletos. Janelas devassadas. Em uma delas, uma frase pintada: “Promessas não cumpridas”. Em outra, “Desespero”. Agora eles estão cobrando para levar os turistas para visitar essa terrível desolação. Falei rapidamente*

*com um homem de lá que me fez apenas uma simples pergunta: “Será que eu tenho alguma razão para ter esperanças de que, algum dia, poderei sustentar a minha família de novo?”.*

Será que eu tenho alguma razão para ter esperanças? Essa é demais. Ele tenta imaginar algum desanimado residente no Bronx elaborando frases como “Será que eu tenho alguma razão para ter esperanças” — nem que a vaca tussa. Vince pega sua correspondência, o envelope pardo do carteiro, duas contas, duas propagandas políticas e um pequeno envelope da inspeção municipal. É este que Vince abre antes. Não contém nada, a não ser um pequeno cartão do tamanho de uma carta de motorista. Em cima, lê-se: Certificado de Registro. Vince vira o cartão para ler o verso:

*Este documento certifica que Vincent J. Camden... é um eleitor registrado na sessão 100342.00, no Condado de Spokane, em Washington.*

O cartão traz também o endereço onde ele deve votar, uma pequena igreja católica perto de sua casa.

Então, assim, sem mais aquela, ele pode votar. Ou, ao menos, Vince Camden pode votar. Ele põe o cartão na mesa, depois o pega de novo. Os xerifes tinham dito alguma coisa sobre limpar a ficha de Vince e restabelecer seus direitos eleitorais se ele colaborasse com o governo. Mas tanta merda estava rolando, e ele estava tão preocupado em evitar ser eliminado, que, honestamente, nem prestou muita atenção no assunto. O que significa votar para um sujeito que teve a vida que ele teve, um homem que estava tentando salvar a própria pele? Mas agora ali está ele, quase três anos depois, e recebe seu título de eleitor pelo correio.

Ele não consegue deixar de se perguntar o que significa aquilo, se não implicaria presságios silenciosos também.

Vince abre sua carteira e enfia o certificado de eleitor ao lado do cartão de seguridade social.

Em seguida, abre o envelope pardo do carteiro. O negócio funciona assim: o carteiro fica atento para os envelopes que contêm novos cartões de crédito que são enviados pelo correio e os coloca em um envelope pardo maior endereçado a Vince. Depois de abrir os envelopes com vapor, Vince copia os números, recoloca-os cartões nos envelopes e os sela com cola. Os cartões são entregues a seus proprietários, e, normalmente, leva um mês ou

dois até que percebam que alguém está torrando uma grana na conta deles. Até então, Vince já se livrou dos cartões.

O conteúdo é leve: seis envelopes não abertos da Mastercard e da American Express. Ele sente os cartões de crédito mais rígidos dentro dos envelopes. Então um papel dobrado escorrega do envelope pardo e cai sobre a mesa. É quase do mesmo tamanho de seu certificado de eleitor. Ele fica olhando para o recado do carteiro. Não, isso não está certo.

O pavor ocupa um espaço muito pequeno.

Vince olha para o papel e sente vontade de ignorá-lo. Ele não precisa disso. Não depois do dia que teve. Mas acaba pegando o papel e lendo.

*Preciso ver você. Amanhã. Três. No lugar de sempre.  
Importante.*

Não. Tudo errado. Vince se encontra com o carteiro nas segundas. Tinham se encontrado no dia anterior. Ele pagara ao carteiro e lhe devolvera alguns cartões para serem entregues a seus proprietários. Segundas. Nunca se encontravam em nenhum outro dia. Amanhã é quarta. Isso está errado. Num piscar de olhos, a apreensão, o medo, a paranóia — seja lá o que for — está de volta.

Talvez seja o fato de estar de volta em sua casa, onde o dia começara com pensamentos tão perturbadores, ou talvez seja a combinação de ter recebido o certificado de eleitor e o bilhete do carteiro, mas Vince vê tudo negro a sua frente, sente o gosto amargo do pavor que sentira ao acordar de manhã e adquire uma certeza: eles o encontraram. Eles vão matá-lo.

Quando você morre, o mundo continua sem você, engole sua existência como uma pedra na água suja. E tudo acaba aí.

Ele levanta os olhos e vê uma sisuda Bárbara Walters na mesa, atuando como moderadora do debate, os outros com olhares deferentes para sua enorme cabeça, empinada numa postura muito séria: *Esta noite, senhor presidente, os olhares da nação estão nos reféns no Irã. Eu entendo que este é um assunto sensível, mas a pergunta de como respondemos aos atos de terrorismo vai além da presente crise.*

Vince pensa em Lenny. *Você está paranóico, cara.* Em Doug. *Você acha que eu vou me virar contra você?* E em David. *Ninguém está ligando mais.* Eles estão certos. Todos eles. Ele está paranóico. Todos vão se virar contra ele. E

ninguém liga. Uma sensação gelada faz com que ele erga os tornozelos, apoiando-os nas panturrilhas. Jimmy Carter morde o lábio e empina a cabeça em sinal de simpatia:

*Bárbara, uma das pragas desse mundo é a ameaça e as ações dos terroristas... Nós nos comprometemos a tomar medidas enérgicas contra o terrorismo. Seqüestro de aviões faz parte desse comprometimento. Mas, ultimamente, a ameaça terrorista mais séria é algum desses países radicais, como a Líbia ou o Iraque, que acreditam em terrorismo como forma de política, vir a fabricar armas atômicas.*

Enquanto observamos os pequenos padrões, os grandes movimentos nos enganam. Estamos tão atentos às ondas incidentais das notícias e memórias que perdemos as grandes correntezas da História.

Vince se levanta e sente a pulsação em seu ouvido. Muito bem. Pense. Pense. Quem está por trás disso tudo? Quem tem mais a ganhar? O problema com as conspirações é que só loucos conseguem descobri-las. É por isso que as conspirações funcionam: porque elas estilhaçam a verdade, transformando-a em cacos, e só os loucos conseguem olhar para cacos e ver o quadro completo. E, de um jeito ou de outro, quem vai ser louco a ponto de acreditar em loucos? Você está se perdendo? Vince coça a testa. Você está se perdendo, não está?

Ronald Reagan não se contém e responde: *A senhora fez essa pergunta duas vezes. Acho que tem direito a ter pelo menos uma resposta para ela. Ultimamente, eu tenho sido acusado de ter um plano secreto para resolver o problema dos reféns... Sua pergunta é difícil de responder, porque, da maneira como as coisas estão agora, ninguém quer dizer nada que possa, mesmo inadvertidamente, retardar, de alguma maneira, o retorno desses reféns.*

Muito bem, vamos supor que David esteja certo e que quem está atrás de Vince não seja ninguém de seu velho grupo. Será que algum dos próprios asseclas de Vince está tentando aumentar sua parte no bolo ou tentando arranjar mais cartões de crédito? O carteiro? Não pode ser. Não tem nenhuma pista. Então, sobram Doug e Lenny. Ele não consegue acreditar que Lenny tenha alguma coisa dentro da cabeça. E Doug não tem peito. Ambos parecem inofensivos. Mas existe um antigo provérbio siciliano que Coletti costumava citar: O inimigo sorridente é o que se deve temer.

O presidente Carter não precisava ouvir isso: *Essa atitude é extremamente perigosa e tem um tom beligerante, mesmo que seja exposta em um tom de voz calmo.*

E talvez seja esta última frase — um tom de voz calmo — que finalmente faça com que Vince pare de devanear e preste atenção ao ruído grave que há 30 segundos está ouvindo. Um carro está dando voltas lá fora.

Entre certos grupos — partidos políticos, bandos de criminosos, garotas do ensino médio — todo murmúrio é detectado. Então, não deve ter sido surpresa para ninguém que os cupinchas de Reagan tenham posto as mãos nas notas de Jimmy Carter para o debate e as tenham usado para preparar seu candidato. Ou que Reagan, por baixo do pano, estivesse mexendo os pauzinhos para que os reféns não fossem soltos até depois das eleições.

E que dizer de Vince — agachado na frente das cortinas abertas, procurando pela casa para ver se encontra alguma espécie de arma? Quantas armações não passam por sua cabeça? Que correntes de malevolência, ganância e perversidade? E, mais importante: de quem é esse carro que fica dando voltas, muito lentamente, do lado de fora de sua casa?

Vince rasteja sobre suas mãos e seus joelhos pelo gramado coberto pela geada. Não reconhece o carro — um antigo Impala 1970. Agarra com mais força o fino cano de chumbo, frio em suas mãos. Encontrou-o debaixo da pia. A grama estala sob o peso de seu corpo. Vince rasteja para longe do carro, na direção da casa do vizinho, depois ao longo de uma linha de arbustos, até que aparece bem atrás do carro e respira o monóxido de carbono. Vince se arrasta de lado, levanta o cano mais uma vez, respira curto para ingerir menos veneno. Muito bem. Muito bem.

Chega ao pára-choque traseiro sem que o motorista o veja. Muito bem. Cola-se no chão. O motorista está fumando, olhando para o fim do quarteirão. Vince fecha os olhos, conta até três, corre até a porta do motorista e a abre. Puxa então o sujeito pelos cabelos e o joga no chão, seu cigarro soltando fagulhas ao voar pelo gramado enquanto ele se mexe como um caranguejo deitado de costas.

Não passa de um garoto, talvez tenha uns 18 anos, longos cabelos ruivos e finos e uma jaqueta azul com um grande “M” amarelo.

— Me desculpe — exclama cobrindo a cabeça com as mãos.

Vince levanta o cano, mas não bate.

— Você está sozinho?

— Estou. Meu Deus! Não me bata!

— Alguém disse para você parar na frente da minha casa?

- Foi. Ela disse para eu esperar aqui.
- Como é que você se chama?
- Everett.
- Olha, Everett, eu vou abrir a sua cabeça se você não me disser quem mandou você vir aqui.
- A Nicky. A Nicky me disse para esperar no fim do quarteirão.
- Quem é Nicky?
- O quê?
- Nicky. Quem diabos é essa porra de Nicky?
- Por favor, senhor. Não faça nada. Juro que eu vou embora.
- Quem... é... Nicky?
- Bem, eu acho que ela é a sua filha, senhor.

Então Vince a vê, uma garota da vizinhança. Quinze anos, 16 no máximo. Subindo por uma janela que sai do porão da casa vizinha de seu vizinho. Ela limpa a grama de seu jeans e começa a vir na direção de Vince e do garoto. Mas vê Vince segurando o cano e seu namorado secreto deitado no chão e pára. Sem mudar a expressão do rosto, vira-se e volta a se enfiar no buraco da janela.

Um momento depois, Vince ajuda o garoto a se levantar e eles ficam olhando juntos a linda garota sumir pela janela do porão.

*Há quase quatro anos exerço a presidência dessa nação. Tive de tomar milhares de decisões. Vi a força do meu país e vi as crises que a ameaçaram. E tive de enfrentar essas crises da melhor maneira possível.*

Vince está de pé em sua casa escura, outra cerveja na mão, a dois passos da televisão, vendo os olhos fundos de Jimmy Carter enquanto ele arremata seu discurso: *Tive de, sozinho, determinar os meios de defender os interesses do meu país e o grau de envolvimento dela. E fiz isso com moderação, com cuidado, com toda a base possível.*

Algumas vezes, você simplesmente se cansa. E talvez hajam forças alinhadas contra você, talvez tenham roubado suas anotações para o debate, talvez estejam fazendo acordos com terroristas e talvez, no momento em que você puser o pé para fora da presidência, os reféns serão libertados. Mas talvez não. Talvez você só esteja cansado demais para continuar. E talvez, ao fim e ao cabo, essa seja a derrota... simplesmente desistir. Talvez não seja pior do que ir dormir.

É, é isso mesmo, diz o presidente. É uma função solitária. O povo americano, na próxima terça-feira, estará encarando uma decisão solitária. Aqueles que agora me escutam vão ter de tomar uma decisão sobre o futuro desse país. E eu acho que eles devem se lembrar que um voto faz uma enorme diferença. Se, em cada sessão eleitoral, um único voto pudesse ser mudado, John Kennedy nunca teria sido presidente desse país em 1960.

Um voto... Vê só? Você não está com medo de Lenny. Ou de Doug. Ou do carteiro. Nem mesmo dos três juntos. Não é a conspiração em si que o assusta — é a idéia de que eles estejam conspirando. O desconhecido. Não é uma bola de neve, um voto — é a idéia de uma avalanche. É isso que é tão assustador. Quantas vezes você já imaginou que a vida seria muito mais fácil se você conhecesse o futuro? Bem, você conhece o futuro. Todos estaremos mortos.

Um dia, o sol vai explodir... só por isso você vai ficar escondido debaixo da cama? Em 15 bilhões de anos ou em 15 minutos... isso importa? Alguma coisa importa?

E então, de todas as pessoas no mundo, é Ronald Reagan quem dá uma resposta: *Terça-feira próxima é o dia da eleição. Na próxima terça-feira vocês irão até sua sessão eleitoral, até a urna, e vão tomar uma decisão. Eu acho que, quando forem tomar essa decisão, seria bom se vocês se perguntassem... Estamos melhor agora do que estivemos há quatro anos?*

Um pensamento solitário não é nada; se combinadas, as milhares de faíscas eletroquímicas que se juntaram para criar essa sentença seriam insuficientes para acender uma lâmpada de dez watts. Mas, mesmo assim, aí está Vince Camden, na crista da onda da tecnologia e do desenvolvimento, no topo de uma extraordinária conquista humana, num mundo criado pelo empilhar desses pensamentos solitários, colhidos ao longo de milênios — aí está Vince Camden, ele mesmo uma criação tecnológica e legal, de pé, sozinho, num abrigo aquecido, cercado e isolado, observando uma caixa de 25 centímetros emitindo uma mistura de elétrons que, quando ordenados, retratam dois homens lutando pela posição mais poderosa da História do mundo num tempo em que o apertar de um botão pode, efetivamente, acabar com a civilização. Aí está Vince Camden, esmagado por sua própria significância e por seu desejo de mudar, pela contracorrente submarina da História e pelo peso de tantas escolhas, destruído por esse milagre de ser e por todos esses fios conectados na corda de um simples pensamento:

Em qual desses estúpidos filhos da puta você deve votar?